

RESSONÂNCIAS DA EXPOSIÇÃO EU SOU VOCÊ

Coordenador: BLANCA LUZ BRITES

Autor: CAMILA PIOVESAN

A exposição "Eu sou Você" é uma realização do Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria com o Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP). A mostra, que ocorreu entre os dias 21 de junho e 20 de agosto, apresentou obras de quatro pacientes psiquiátricos, selecionadas a partir do Acervo da Oficina de Criatividade do HPSP. Esse Acervo figura como campo de pesquisa para docentes e estudantes universitários de Artes e Psicologia desde 2001. Dentre os projetos desenvolvidos está o "Rizomas da loucura: o Acervo da Oficina de Criatividade do HPSP", sob orientação da professora Blanca Luz Brites, da UFRGS. As quatro coleções, compostas pelas obras de Cenilda Ribeiro, Natália Leite, Frontino Vieira e Luiz Guides, foram selecionadas por seu potencial estético e expressivo e vêm sendo submetidas, atualmente, a procedimentos de catalogação, armazenamento e digitalização, devendo compor, em breve, um banco de dados eletrônico. Somando cerca de cem mil obras, o Acervo faz parte do que se considera um significativo patrimônio cultural do Estado, propiciando um importante material para problematizações referentes às relações entre arte, loucura e sociedade. O recorte realizado pelas curadoras Blanca Brites e Tania Mara Galli Fonseca enfatiza essas formas de resistência criativa, apresentando ao público um conjunto de trabalhos realizados por artistas-pacientes que, à margem do social, inventam modos de expressar seu mundo. O título da mostra, Eu sou Você, refere-se a uma frase produzida por um desses artistas, em uma das obras guardadas no Acervo. A ideia da mostra é produzir uma espécie de sopro inspirador para que, pelo acesso às produções plásticas, o público tenha condições e motivos para pensar criticamente as habituais fronteiras entre o normal e o patológico. Fronteiras essas que, como os muros do antigo hospital, nos fazem produzir uma espécie de apartheid social e afetivo, instituído nas segmentações sócio-culturais entre os considerados normais e os portadores de sofrimento psíquico. Exemplos de uma "estranha linguagem", emitida por sujeitos submetidos a regimes de longa internação, tais obras são agora expostas, possibilitando trazer à comunidade em geral uma visão do que ainda podem essas vidas, consideradas loucas e incapazes. Essa exposição aponta para o fato de que, pela expressão estética, aqueles homens e mulheres com diagnóstico de loucura encontram um terreno livre para enunciar mensagens, fazendo aberturas para novas possibilidades

existenciais. Eu sou Você nos fala de vidas afetadas pela desrazão, mas, sobretudo, aponta para a capacidade de invenção que habita qualquer sujeito, dentro ou fora dos muros hospitalares. Dentro da exposição, a curadoria propôs uma participação mais efetiva dos visitantes, disponibilizando materiais (giz, folhas, lápis...) para que se manifestassem deixando impressões em forma de uma elaboração visual, dando a possibilidade ao visitante de também explorar sua capacidade de invenção. Ao final da exposição, constatamos que tal proposta resultou numa grande quantidade de materiais (cerca de 308 desenhos e alguns escritos). A partir da experiência com a mediação, tivemos a possibilidade de vivenciar a elaboração da maioria destes trabalhos, realizados por um público nada homogêneo, mas sim constituído por diferentes grupos, desde crianças, idosos, estudantes, até pacientes e funcionários do hospital. Dentre todo material, selecionamos alguns que foram mais significativos, tanto por termos acompanhado o processo de elaboração, como por nos surpreenderem enquanto visões da exposição e até mesmo da própria loucura. Os comentários e contribuições dos visitantes foram marcantes, uma vez que deram corpo à nossa própria maneira de compreensão da arte, ou mesmo das relações entre arte e loucura. Além disso, esta atividade aborda também o conjunto de intervenções artísticas realizadas no prédio centenário do Hospital Psiquiátrico São Pedro, na ocasião da exposição Eu sou você. Durante a exposição Eu sou você, os jardins adjacentes a esse núcleo expositivo central receberam as intervenções de nove artistas contemporâneos: Adriana Daccache, Rodrigo Nuñez, Cylene Dallegrave, Leandro Selister, Marcos Sari, Mayra Martins Redin, Paola Zordan, Sergio Dório e Vitor Butkus. Esses artistas foram convidados a efetuar propostas que dialogassem com o lugar, sua carga histórica e suas densas memórias. As intervenções ocuparam dois amplos jardins, que, até algumas décadas atrás, funcionavam como jardins internos da antiga edificação manicomial. Nenhuma das intervenções causou qualquer dano ao local - reconhecido como patrimônio histórico estadual e municipal. Tratou-se de ações efêmeras, que, em consonância com os objetivos da mencionada ação extensionista, configuraram um espaço de pensamento sensível e crítico. O objetivo desta atividade é tentar entender, a partir de uma conversa com o público, ilustrada por imagens, a importância que tais intervenções acabaram assumindo nas problematizações disparadas pela exposição como um todo. Além de descrever e documentar cada uma das ações realizadas pelos nove artistas, tentaremos fazer reverberar os disparos poéticos e críticos através dos quais cada uma delas mobilizou aquele espaço. Trata-se, então, de conceber ali um jardim das palavras, espaço tenso formado pelo diálogo entre o presente e o passado, a arte e a saúde, a obra e a ruína. Para isso, serão trazidas imagens das intervenções criadas, bem como relatos das dúvidas e decisões

atravessadas na composição, na montagem e na apresentação de cada uma delas. Será também observada a possibilidade de estabelecer ou sugerir nexos de sentido entre as intervenções. Cada um à sua maneira, esses nove artistas responderam ao inquietante desafio de pensar suas propostas em relação àquele contexto espacial, que, de partida, faz gritar as suas marcas. Abrem-se espaços de suspensão e diálogo, movimentando a criação de sentidos que, não partindo univocamente das obras, vão sendo tecidos na relação implicada que elas estabelecem com o entorno. Despojado de qualquer neutralidade homogênea, o hospício se apresenta como um subtexto, trazido à superfície por intervenções que esboçam, ali, inauditas pontuações. O intuito desta atividade é propor uma conversa com o público, apresentando imagens e relatos da exposição, e dando a palavra para as curadoras, mediadores e artistas convidados.